

## Leituras de um programa de trabalho: os valores dos tempos gramaticais - um caso de estudo

Clara Nunes Correia

**Abstract:** The main proposals of Henriqueta Costa Campos are paradigmatic and essential to the study (and comprehension) of contemporary European Portuguese.

Centred mainly on tense, aspect and modality topics, her work must be seen as an important contribution to the definition and the explanation of grammatical mechanisms of European Portuguese. At the same time, the scientific work of HCC it is also an example of what an ongoing research programme in linguistic it is supposed to be.

The author claims for a transcategorial perspective of analysis and defends that there is a syntactic, semantic and pragmatic interrelation between all forms present in an utterance (*enunciado*). The theory of predicative and enunciative operations /theory of formal enunciation, proposed and developed by A. Culioli, a.o, is the theoretical framework which supports her work. However, it is important to mention that we can find in her papers and books, despite her theoretical proximity with this framework, a conceptual and descriptive innovation. So it is the case (and to mention only some of them) of the PhD thesis on modality (Campos 1998)), the article on the definition of evidential markers of EP (Campos 2001), the conceptual difference between 'notional and enunciative telicity', (Campos 2002), and the characterisation of the simple and complex past tenses (PPS and PPC) in contemporary EP.

In this presentation, I will present some of the proposals of HCC about this last topic, aiming at a better comprehension of her scientific work. I will centre my discussion mainly on Campos 1984 and 1987 papers, both republished in 2007 *Tempo, Aspecto, Modalidade*.

### 1 - O trabalho de Henriqueta Costa Campos

O trabalho científico de Henriqueta Costa Campos (doravante HCC) constitui referência obrigatória na (e para a) descrição do Português Europeu. Numa leitura rápida do seu trabalho poderemos dizer que as vertentes do tempo e aspecto, por um lado, e da modalidade, por outro, constituem o cerne da sua bibliografia. No entanto, numa leitura mais atenta, verifica-se que o que está em causa é a descrição fina das características gramaticais do

Português sendo, por isso mesmo, incontornável a análise da manifestação das diferentes categorias gramaticais que caracterizam – e individualizam – esta língua. De uma forma geral – e algo esquemática – julgo que se retêm do trabalho de HCC três características que o

tornam relevante e marcante nos trabalhos de linguística que se desenvolveu (e se desenvolvem) sobre o PE:

(i) a inovação: assumindo um modelo teórico e epistemológico bem definido (Teoria Formal Enunciativa / Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas), a partir das propostas de A. Culioli, os textos de HCC são um contributo dinâmico desse modelo. Se não é casual a opção por uma ou outra designação nas diferentes análises que propõe, também não é casual a forma como defende percursos analíticos diferentes dos textos teóricos em que se baseia (cf., a título de exemplo, os trabalhos sobre o mediativo (2001) ou sobre as diferentes 'classes' modais (cf., entre outros, Campos 1998);

(ii) a clareza: um dos grandes prazeres (mas também uma das grandes dificuldades) da leitura dos textos de HCC é o facto de cada

texto permitir planos de leitura e de aprofundamento diferenciados. Assim, na generalidade dos textos de HCC podem ser encontradas respostas a perguntas diferentes. Cabe ao leitor saber o que procura, ou, em alternativa, ficar com vontade de saber mais sobre aquilo que, possivelmente, começou a saber quando, pela primeira vez, leu um texto de HCC;

(iii) o rigor: a exigência de reflexão está presente nos textos que a autora publicou. Todos os textos seguem um processo exemplificativo minucioso, apresentando uma reflexão teoricamente sustentada, a partir de um percurso analítico centrado na exaustividade da análise.

Assim, e tomando aqui como exemplo os textos de 1984 e 1987, ambos inseridos no conjunto de textos publicados na colectânea *Tempo, Aspecto e Modalidade* (1997)<sup>1</sup>, encontramos explicitamente, por vezes, implicitamente, outras, uma linha condutora que orienta o percurso analítico das formas e das construções linguísticas que a autora se propõe tratar. No primeiro texto desta colectânea (Campos [1984] 1997) é explicitamente sublinhada esta linha condutora:

“(...) a abordagem de algumas das formas analisadas exige a consideração, em interdependência, de valores de aspecto, modalidade e determinação nominal. (...)”  
(TAM: 7)

apontando o percurso teórico que suporta a sua investigação

“(...) o estudo de um pequeno número de fenómenos linguísticos permite visualizar diversas fases da construção-reconstrução dos valores referenciais de um enunciado, na perspectiva de uma teoria geral da significação (...)”  
(*ibidem*)

Em forma de síntese, pode afirmar-se que os trabalhos de HCC assentam, sob o ponto de vista metodológico, em quatro pontos que considero relevantes para a compreensão dos seus trabalhos:

- (i) os valores das formas decorrem da interacção com outras formas;
- (ii) existe disponibilidade para uma interacção de níveis de análise;
- (iii) é feita a validação sistemática das compatibilidades e das incompatibilidades entre formas;
- (iv) manifesta-se a capacidade de reformulação/integração de propostas teóricas diferentes;

Os textos escolhidos para este meu trabalho ilustram, a meu ver de forma exemplar, como a autora gere a descrição das formas e das construções linguísticas relevando, a partir de procedimentos centrados na construção/reconstrução do(s) enunciado(s), os valores do ppc vs pps ou do ppc vs presente do indicativo.

## **2 - Pretérito Perfeito Simples/Pretérito Perfeito Composto – propriedades semânticas**

O ponto central da leitura do texto *Pretérito Perfeito Simples / Pretérito Perfeito Composto: uma oposição aspectual e temporal* (1984) é o da definição das propriedades destes dois tempos gramaticais, análise que é feita recorrendo a autora às propriedades que as diferentes formas verbais desencadeiam quando interagem com diferentes marcadores linguísticos.

As propriedades gramaticais destes dois tempos são definidas, assim, tendo em conta o jogo das compatibilidades e das incompatibilidades que geram, permitindo, simultaneamente, evidenciar uma dupla

---

<sup>1</sup> Doravante esta obra será aqui referida como TAM.

vertente de análise: se por um lado é a definição das propriedades temporais/aspectuais que a motivam na caracterização do ppc e do pps, por outro, a construção da referência nominal, os valores dos advérbios, as diferentes classes verbais, por exemplo, adquirem estatuto diferenciador pela possibilidade de co-ocorrerem (ou não) com estes tempos gramaticais. Esta quase evidência nos trabalhos de HCC torna-se explícita quando a autora define, tanto neste como em outros textos desta colectânea, uma metodologia de análise que suporta o seu trabalho:

“(...)é tarefa de um linguista que trabalha no quadro da (de uma) teoria da enunciação ir além do domínio do imediatamente observável e tentar descrever os processos de produção (e de reconhecimento) subjacentes (...) ao enunciado.”

(TAM: 21)

apresentando, de forma clara, aquilo a que poderemos chamar um percurso analítico, recorrente em todos os seus trabalhos.

Se nos centrarmos, num primeiro momento, nas propriedades diferenciadoras ppc/pps, podemos afirmar que neste trabalho a autora, ao caracterizar os valores destes tempo gramaticais, permite-nos, enquanto leitores, sintetizar as suas propriedades fundamentais, estabelecendo, deste modo, um conjunto de propriedades que os diferencia, quer sob o ponto de vista temporal, quer sob o ponto de vista aspectual. A partir do paradigma de exemplos que apresenta<sup>2</sup>

(i) o Pedro esteve doente /o Pedro tem estado doente

---

<sup>2</sup> Por uma questão de clareza de leitura renumeraram-se e reorganizaram-se os exemplos da autora, indicando-se, no entanto, as páginas em que esses exemplos ocorrem no texto original. Para ambos os textos analisados tomou-se como referência a sua publicação na colectânea Tempo, Aspecto, Modalidade (1997).

(ii) depois da sua fuga, X viveu em África

(ii') depois da sua fuga, X tem vivido em África

(iii) o Sud chegou atrasado /o Sud tem chegado atrasado (TAM: 27)

podem elencar-se algumas das propriedades temporais /aspectuais que caracterizam estes dois tempos gramaticais:

a) com o pps o acontecimento linguístico é localizado temporalmente em relação ao momento da enunciação ( $T_0$ ); com o ppc o acontecimento linguístico inclui  $T_0$  na sua definição

b) com o pps a fronteira do fechamento do processo é necessariamente definida e localizada em relação a  $T_0$ , ou estabelece uma relação de ruptura com o plano enunciativo; com o ppc não há construção de uma fronteira de fechamento, e está em curso em  $T_0$ , obrigando a uma incompatibilidade necessária quer com situações em que o ppc co-ocorre com advérbios inclusivos, quer com predicados que definem eventos instantâneos, desde que não interfira, nesses enunciados, qualquer determinação suplementar. Os exemplos (TAM: 39) que a autora propõe ilustram o que atrás se apresentou:

(iv) o cão do vizinho \*tem morrido /morreu atropelado

(v) os cães do vizinho têm morrido atropelados \*ontem/morreram atropelados ontem

Em relação ao exemplo (v), a autora sublinha que, ao incidir sobre o enunciado a construção de acontecimentos múltiplos, constrói-se um valor de iteratividade, um dos valores caracterizadores do ppc.

No entanto, este valor, com o pps, está dependente das características semânticas do advérbio, como se pode observar em (vi):

(vi) O cão do vizinho ladrou duas vezes/ ?às vezes

verificando-se que, e seguindo a argumentação da autora, o pps [por ser marcador de uma operação que constrói uma classe de ocorrências inteiramente delimitada em  $T_2$  anterior a  $T_0$ ] pode marcar duratividade ou iteratividade, desde que os marcadores suplementares de determinação não construam incompatibilidades em relação ao valor “essencial” do pps. (TAM: 37 (adap)). A fraca aceitabilidade de enunciados em que há co-ocorrência do adverbial ‘às vezes’ com o pps é exemplificativa do que atrás se afirmou.

As características destes dois tempos gramaticais, tendo sobretudo como ponto distintivo as suas propriedades aspectuais e temporais, não se esgotam nos pontos atrás referidos. Note-se que este texto constitui de alguma forma um roteiro de investigação, permitindo que a sua leitura atenta forneça ao leitor as múltiplas vertentes que permitem uma análise continuada sobre os valores dos tempos gramaticais de uma forma transcategorial. Muitos dos temas aqui tratados vão ter continuidade em muitos textos da autora, tornando-se clara a complexidade que estes tempos gramaticais manifestam. Foi esta motivação que levou a que nesta breve análise se encadeasse este trabalho de HCC com outro que publicou alguns anos depois e que, em certo sentido, constitui uma possibilidade de continuidade formal e descritiva. Note-se que o ponto de partida para o trabalho de 1987 é explicitado no texto de 1984, ao mostrar de que forma o ppc e o presente (do indicativo) se aproximam e afastam na construção/reconstrução dos enunciados. O exemplo que apresenta e discute em TAM : 45<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> A opção para discutir o texto de 1987 foi difícil de tomar, já que a leitura e análise do texto de 1984 anuncia um conjunto de possíveis continuidades que merecem (e

(vii) A - compra um presente para a Ana.  
Ela vem sempre no Natal

B - tem vindo

A - queres dizer que este ano não vem?

(TAM: 45)

foi o ponto de partida que me fez reler e reanalisar o texto que publicou em 1987: *O Pretérito Perfeito Composto: um tempo presente?*

### 3 - Uma leitura do ‘presente’

Uma das características do ppc (cf. ponto 2 deste trabalho), sob o ponto de vista temporal, prende-se com o facto de os acontecimentos linguísticos estarem em curso em  $T_0$ . Assim, este valor permite-lhe partilhar com o presente de indicativo (com valor de ‘hábito’), o mesmo ‘espaço’ topológico. Será, por isso, o ppc um tempo (do) presente? Foi esta a motivação subjacente a este texto de 1987. A questão levantada pela autora pode parecer surpreendente, já que a generalidade das descrições deste tempo gramatical (cf., a título de exemplo, Boléo 1936) o consideram como um tempo do pretérito<sup>4</sup>, mesmo quando se assume que esse pretérito não é intermutável com outras formas (como pps, o imperfeito ou o mais-que-perfeito). A argumentação que a autora segue contribui para mostrar que o ppc se aproxima, topologicamente, do presente da enunciação ( $T_0$ ), ao incluir este parâmetro ou como localizador das diferentes situações em que ocorre, ou como um dos pontos da classe de instantes que lhe está

---

mereceriam) também ser analisadas. Veja-se (e só como breve exemplo) os diferentes artigos sobre os valores de ‘já’, também em TAM.

<sup>4</sup> A autora faz notar que Jerónimo Soares Barbosa o considera o ppc como ‘presente perfeito relativo’ (Barbosa [1882] 1881: 147), in TAM: 121, não sendo, por isso, e segundo a própria autora, esta sua hipótese original.

associada (TAM 122, adap). Ora o presente gramatical só quando manifesta um valor de simultaneidade é que, exclusivamente, inclui  $T_0$  na sua definição. No entanto, e apesar da evidência formal de partilha de algumas das suas propriedades definitórias entre os dois tempos, a autora não dá uma resposta cabal a esta questão, mostrando como, apesar de tudo, os valores de um e de outro são distintas e não sobreponíveis.

Como percurso de análise<sup>5</sup>, a autora interrelaciona exemplos em que ocorrem formas do presente e do ppc, ou com exemplos em que a opção entre um ou outro tempo gramatical gera necessariamente interpretações diferentes. Veja-se, para além de (iv), acima exemplificado, o seguinte paradigma:

(viii) o avião de Roma chega às 10h

(ix) o avião de Roma tem chegado às 10 h

Todos sabemos que o presente do indicativo em português, sob o ponto de vista temporal, pode marcar anterioridade, simultaneidade ou posterioridade, ocorre em situações atemporais nas frases genéricas e é, ainda, um dos marcadores privilegiado de situações habituais. O exemplo (viii), em que existe o presente do indicativo, é, no entanto, ambíguo podendo ser-lhe atribuído tanto um valor de futuridade (*chega amanhã*) como valor habitual (*chega habitualmente*).

No primeiro caso, o acontecimento linguístico tem uma interpretação singular, existindo uma localização em relação ao sistema referencial ( $Sit_0$ ). Se o valor construído é habitual, dá-se a atribuição de

uma propriedade a uma entidade, válida em quaisquer tt. Neste caso não há qualquer localização em relação a  $Sit_0$ .

Em (ix), o adverbial temporal *às 10h* não é localizador da predicação, mas faz parte dela. Com o ppc existe localização em relação  $Sit_0$  (TAM 121, adap).

Se reflectirmos agora sobre (vii), verificamos que a segunda forma de presente, associado ao adverbial *sempre* (*A Ana vem sempre...*) tem valor de hábito. Se nos centrarmos na réplica de B, verificamos que a ocorrência do ppc, aparentemente, não inclui  $T_0$  na sua definição. É essa a razão por que A interpreta a asserção de B como sendo plausível a negação de 'este ano a Ana vir'. Para além de um valor diferente (e aparentemente contraditório com a definição 'essencial' do ppc – a de incluir obrigatoriamente  $T_0$  na sua definição), este exemplo torna evidente que o que está aqui em causa, sob o ponto de vista da interpretação deste diálogo, é a sobreposição de valores de modalidade em relação aos valores temporais e aspectuais das situações construídas: B, ao localizar o valor habitual da predicação 'A Ana vir sempre' no intervalo de tempo anterior a  $T_0$ , valida, enquanto sujeito de enunciação, um estado de conhecimento de um acontecimento linguístico que se repetiu n vezes até  $T_0$ . O valor de iteratividade atribuído ao ppc não inclui  $T_0$  porque B não valida essa inclusão. Essa é a razão possível para A interrogar B sobre a não vinda (possível / hipotética) do sujeito do enunciado *A Ana vem sempre no Natal*. Note-se, como forma de justificação do que atrás se afirmou, o contraste das duas asserções com o complementar linguístico da predicação donde se partiu:

(vii') ? A Ana vem sempre no Natal, mas este ano não vem

---

<sup>5</sup> A análise que se segue incide sobre a segunda parte deste artigo. Na primeira parte (TAM: 115-119) a autora discute de que forma os valores do ppc em português encontram eco em línguas como o galego. Esta reflexão, se bem que interessante sobre uma possível génese deste tempo gramatical no âmbito das Línguas Românicas, não será aqui tida em conta, por se afastar do objecto da reflexão (breve) que aqui apresento.

(vii'') A Ana tem vindo sempre no Natal, mas este ano não vem

Curiosamente HCC não retoma este exemplo no texto de 1987, nem sequer no texto de 1984 o explicita, apontando apenas para o interesse que existe de se relacionar o ppc com um tempo gramatical diferente do pps – o presente do indicativo. No entanto, em Campos 1993 (TAM 159-164), ao analisar as interrelações entre os valores aspectuais e modais do ppc, mostra que, tal como se verifica em (vii''), é o complementar linguístico (*mas este ano não vem*) que permite entender como não contraditório o facto de a predicação com o ppc não incluir T<sub>0</sub> na sua definição: “(...) dans les énoncés où la valeur temporelle-aspectuelle est marquée par le ppc l'événement en cours en T<sub>0</sub> est ou bien celui qui correspond à la relation prédicative dont le prédicat verbal se combine avec le ppc, ou bien son complémentaire linguistique. La construction adversative (...) permet d'illustrer l'interdépendance des valeurs référentielles des catégories modalité et aspect. (...)” (TAM: 164).

No exemplo em análise, decorrente do uso do ppc por parte de B, cabe a A construir esse complementar, através de uma forma interrogativa que obrigará B, necessariamente, a validar ou não validar a asserção 'A Ana vir este ano'.

#### **4 – O que aprendemos com a leitura de Henriqueta Costa Campos?**

Em ambos os textos, o objectivo central foi o de se fazer uma caracterização do ppc em português. Se o texto de 1984 alicerça as características centrais deste tempo gramatical sob o ponto dos valores aspectuais e temporais que os caracterizam e individualizam, o texto de 1987 constitui um ponto interessante para uma reflexão quer sobre a génese do ppc (cf. nota 5), quer

sobre a interrelação entre o ppc e o presente do indicativo. Mas acima de tudo estes textos são exemplificativos de um percurso de análise, de uma metodologia de investigação. Assim, e de forma algo esquemática, poderemos dizer que aprendemos com os trabalhos de HCC, mais do que um conhecimento da gramática de uma língua, focalizada a partir de formas linguísticas diferentes, um processo de investigação, que por ser coerente sob os pontos de vista teórico e epistemológico, obriga o leitor a acompanhar esse percurso, que sendo simples à superfície, é complexo e nem sempre transparente. Ao explicar exhaustivamente o valor das formas que analisa, mostra-nos como o funcionamento das línguas é complexo, mas, e talvez, por isso mesmo, fascinante.

E agora

resta-(nos) ter a habilidade de saber encontrar as pontas que subtilmente escondeu nos muitos textos que teve a amabilidade de nos oferecer.

#### **Referências**

- Barbosa, Jerónimo Soares [1882]1881<sup>7</sup> *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias
- Boléo, Manuel Paiva 1936 *O Pretérito e o Perfeito em português em confronto com as outras línguas românicas (Estudo de carácter sintáctico-estilístico)*. Coimbra, Biblioteca da Universidade
- Campos, M<sup>a</sup> Henriqueta Costa [1984] 1997 Pretérito Perfeito Simples / Pretérito Perfeito Composto: uma oposição aspectual e temporal. In *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística Portuguesa*. Porto, Porto Editora: 9-51

- Campos, M<sup>a</sup> Henriqueta Costa [1987] 1997  
O Pretérito Perfeito Composto: um tempo presente? In *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística Portuguesa*. Porto, Porto Editora: 115-122.
- Campos, M<sup>a</sup> Henriqueta Costa [1993] 1997  
Approche transcatégorielle et opérations énonciatives In *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística Portuguesa*. Porto, Porto Editora: 159-166.
- Campos, M<sup>a</sup> Henriqueta Costa [1995] 1997  
Para a caracterização do marcador modal 'dever' In *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística Portuguesa*. Porto, Porto Editora: 173-182
- Campos, M<sup>a</sup> Henriqueta Costa 1997 *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística Portuguesa*. Porto, Porto Editora
- Campos, M<sup>a</sup> Henriqueta Costa 1998 *Dever e Poder*. Lisboa, FCG/ JNICTCampos,
- Campos, M<sup>a</sup> Henriqueta Costa 2001  
Enunciação mediatizada e operações cognitivas. In SILVA, Augusto Soares da (org.) *Linguagem e Cognição. A perspectiva da Linguística Cognitiva*. Braga, APL / UCP - Faculdade de Filosofia de Braga: 325-340
- Campos, M<sup>a</sup> Henriqueta Costa 2002  
Questões aspectuais: algumas especificidades do Português. In GROSSE, Sybille & Axel SCHÖNBERGER (eds) *Ex oriente lux. Homenagem a Eberhard Gärtner*. Frankfurt am Main, Valentia: 73- 88